

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE MAX WEBER PARA UMA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

MAX WEBER'S POSSIBLE CONTRIBUTIONS TO A SOCIOLOGY OF SPORT

Narayana Astra van **AMSTEL**
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.
narayana.astra@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8707-2423>

Wanderley **MARCHI JÚNIOR**
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.
wmarchijr@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4911-9702>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

As contribuições de Max Weber para o campo do conhecimento são vastas e estendem-se para áreas variadas, tais como Sociologia, Administração, Economia e Direito. No entanto, pouco se discute sobre suas possíveis contribuições para uma Sociologia do Esporte. Com a intenção de apresentar novas formas de utilizar a produção weberiana nesse campo de discussão, orientamos o presente trabalho em uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, dividindo o estudo em duas seções: 1) Como o esporte é retratado na obra “Economia e Sociedade” de Max Weber; e 2) a aplicação de um encaminhamento metodológico, bem como uma análise sociológica do esporte, a partir do referencial teórico weberiano, representado na obra do historiador Allen Guttmann. Nesse sentido, demonstramos como a categoria sociológica do tipo ideal, tal como pensada por Weber, pode ser utilizada de maneira eficiente para analisar o esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia do Esporte. Max Weber. Sociologia Compreensiva. Tipo ideal.

ABSTRACT

Max Weber's contributions to the field of knowledge are vast and extend to varied areas, such as Sociology, Administration, Economics and Law. However, little is discussed about his possible contributions to a Sociology of Sport. With the intention of inserting this author in the field of discussion, the present article is an exploratory bibliographic research, divided in two sections: 1) How sport is portrayed in Max Weber's "Economy and Society"; and 2) the application of a methodological approach, as well as a sociological analysis of sport, based on the theoretical Weberian framework, represented in Weberian historian Allen Guttmann's works. In this sense, we demonstrate how the ideal-type sociological category, as conceived by Weber, can be used efficiently to analyse sports.

KEYWORDS: Sociology of Sport. Max Weber. Comprehensive Sociology. Ideal Type.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia do Esporte, um campo de estudo relativamente recente, tem apresentado franco desenvolvimento de pesquisa. Em particular, o cenário brasileiro tem se mostrado promissor, com a criação de programas de pós-graduação específicos para essa temática, bem como a criação da *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte* em 2007 (MARCHI JÚNIOR, 2015). Tais ações indicam uma busca por qualificação da área, dominada por muito tempo pelos estudos provenientes da Europa e Estados Unidos da América.

A produção de pesquisa em Sociologia do Esporte no Brasil tem se conduzido por referenciais teóricos similares aos dos contextos americanos e europeus. Nesse sentido, é possível observar um predomínio de nomes como Norbert Elias, Eric Dunning, Pierre Bourdieu e Michel Foucault, entre outros (DART, 2014; TIAN e WISE, 2019). Em um esforço para apresentar um diagnóstico da Sociologia do Esporte no Brasil e América Latina, tal como sugerido por Marchi Júnior (2007), pesquisadores tem conduzido trabalhos de mapeamento de estudos da área em questão, observando, entre outros elementos, os autores utilizados como referenciais teóricos de pesquisa no Brasil. Um desses trabalhos de diagnóstico foi o de Ferreira e Sviesk (2009), em que o mapeamento de artigos em Sociologia do Esporte, publicados entre os anos de 1997 a 2007 em dois importantes periódicos do cenário brasileiro que tratam desse assunto, não apresentaram Max Weber como um referencial teórico em nenhum artigo.

Essa tendência de uma ausência de Max Weber não é um fenômeno local: diagnóstico similar ao supracitado foi empreendido por Dart (2014), bem como Tian e Wise (2019), verificando os autores utilizados nos mais importantes periódicos científicos da Sociologia do Esporte no mundo. E o que se verifica é uma aparente ausência de Weber em mais de 25 anos de publicação de artigos¹.

Tal fenômeno tem uma causa provável que podemos adotar como hipótese para explicação: Weber, apesar de ser um autor que abordou a temática do esporte em parte de seus escritos, a saber, em trechos de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” e “Economia e Sociedade”, não se dedicou a formular uma teoria do esporte tal como outros sociólogos mais recentemente se ocuparam, por exemplo, Norbert Elias, Eric Dunning e

¹ Ainda que o autor seja contemplado em produções acadêmicas como teses, dissertações e livros voltados à Sociologia do Esporte, tal como veremos no decorrer do texto, essas produções parecem não se replicar em artigos científicos com o mesmo vigor, o que acabou nos chamando atenção.

Pierre Bourdieu. De fato, esses autores são utilizados frequentemente, tanto no Brasil (MEDEIROS e GODOY, 2009) quanto na comunidade internacional (DART, 2014; TIAN e WISE, 2019) Para além disso, é notável uma baixa frequência de outros autores considerados clássicos da Sociologia junto com Weber, tais como Marx e Durkheim (FERREIRA e SVIESK, 2009).

No entanto, tal ausência é uma contradição à recomendação de *experts* na Sociologia do Esporte, que recomendam o diálogo com obras clássicas das Ciências Sociais para entender fenômenos culturais recorrentes ao estudo do esporte. De fato, para Giulianotti (2004), Weber é um autor fundamental para a compreensão do processo de racionalização, sendo essa intimamente associada às transformações relacionadas ao esporte em sua acepção moderna. Como expõe Ingham (2004), o processo de racionalização na modernidade, tal como evidenciado por Weber (2004), é o fator decisivo para entender as ações sociais que estruturam o estilo de vida presente no capitalismo industrial, inevitavelmente abarcando o esporte nessa corrente de eventos. Assim, processos de institucionalização (clubes, federações, associações, entidades, etc.) e modernização (tecnologia, burocracia, métodos de treinamento, etc.) podem ser alguns dos elementos do esporte moderno que teriam potencial de análise para uma ótica weberiana de racionalização.

Para além disso, vale destacar a importância dos tipos ideais, uma categoria sociológica que Weber empregava para suas análises. Para o sociólogo alemão, o tipo ideal consistiria em uma acentuação intencional das características que compõem o fenômeno estudado, chegando a “exagerá-lo”, com o objetivo de unir elementos dispersos da realidade analisada, ordenando-os de maneira homogênea para capturar sua singularidade (WEBER, 1995). Em outras palavras, pode-se dizer que se trata de uma generalização proposital, esquematizando o fenômeno, eliminando as contradições e facilitando a visualização do objeto de estudo pela ótica do pesquisador. Destarte, o tipo ideal não tem a pretensão de representar fielmente a realidade, mas sim facilitar a compreensão do que está sendo analisado. Ao se desenvolver a elaboração do tipo ideal no campo teórico, permite-se ao pesquisador aplicá-lo empiricamente para se aproximar ou distanciar dos fenômenos históricos verificados.

A aplicação do tipo ideal para compreensão do esporte já foi empreendida com sucesso nas pesquisas de Guttmann (2004; 2007) e Overman (2011), demonstrando-a como recurso heurístico primordial para captar os fatores que distinguem o esporte em suas variadas formas. Mas é preciso salientar que tal aplicação começou, de maneira pioneira,



nos trabalhos de Max Weber. Nesse sentido, o presente artigo toma por objetivo geral apresentar o esporte tal como foi representado nos escritos de Max Weber, a partir de uma revisão bibliográfica da obra “Economia e Sociedade”, livro incompleto do sociólogo alemão e publicado postumamente por sua esposa, Marianne Weber, em 1922.

2 O ESPORTE NA PERSPECTIVA DE WEBER

Max Weber deixou um amplo legado de estudos em Sociologia, Economia, História, Administração, Direito e Religião Comparada (SCAFF, 2015). No entanto, pouco se fala sobre seus escritos que apresentam o esporte como conteúdo. Em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, autores como Coakley e Dunning (2000), Giulianotti (2004) e Souza e Marchi Júnior (2010) já haviam analisado de maneira sucinta sobre breves comentários de Weber a respeito do comportamento de rejeição dos protestantes às práticas esportivas. Na íntegra, Weber (2004, p.152) escreveu:

(...) os puritanos defendiam sua peculiaridade mais decisiva: o princípio da conduta de vida ascética. Na verdade, aliás, a aversão do puritanismo ao esporte não era uma questão simplesmente de princípio, mesmo entre os quakers. Apenas devia servir a um fim racional: à necessária restauração da potência física. Já como simples meio de descontrair e descarregar impulsos indisciplinados, aí se tornava suspeito e, evidentemente, na medida em que fosse praticado por puro deleite ou despertasse fissura agonística, instintos brutais ou prazer irracional de apostar, é evidente que o esporte se tornava pura e simplesmente condenável. O gozo instintivo da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, o inimigo da ascese racional, quer se apresentasse na forma de esporte grã-fino ou, da parte do homem comum, como frequência a salões de bailes e tabernas.

Observa-se que Weber já destinava um olhar para o esporte como elemento inserido dentro da cultura para análise. A aversão puritana aos divertimentos atendia a um propósito dentro de sua cultura religiosa, estabelecida dentro da lógica de racionalização, que começava a se manifestar no contexto de ascensão do capitalismo, em que as práticas esportivas deveriam estar condicionadas a propósitos utilitaristas, no caso a restauração das potências físicas, desequilibradas pela intensa ética de trabalho puritana. Dessa maneira, sujeitava-se o divertimento de maneira disfarçada dentro da ascese racional do protestantismo. Fator observado de maneira similar nas pesquisas de Amstel (2019) e Amstel, Marchi Júnior, Sonoda-Nunes e Silva (2019), em que os autores, dentro de uma perspectiva analítica weberiana, apresentaram evidências de uma ética protestante na



colônia inglesa da Pensilvânia do século XVIII, com interdições por parte dos puritanos aos divertimentos; só eram justificadas as práticas esportivas que pudessem atender propósitos superiores, ascéticos e racionais, tal como Weber indicou nessa breve passagem de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”.

De maneira mais aprofundada, o trabalho de Overman (2011) analisa o trabalho de Weber sobre a ética protestante e sua relação com o capitalismo, observando de maneira mais específica as práticas esportivas nas comunidades protestantes. Em seu livro “*The protestant ethic and the spirit of sport: How calvinism and capitalism shaped America's games*”, texto ainda sem tradução para a língua portuguesa, Overman analisa sociologicamente os elementos que predisõem uma atitude protestante frente ao esporte, demonstrando como os puritanos inseriam uma ética radical de trabalho em atividades não-laborais de divertimento, no caso o esporte, imbuindo de preceitos morais que tornavam o fenômeno aceitável e eliminando a culpa da diversão. Dessa maneira, o esporte tornava-se uma prática virtuosa na moral protestante.

O esporte moldado pelo protestantismo americano apresentaria então sete características que o diferem, típico-idealmente, de práticas esportivas de outros contextos: 1) ascetismo; 2) racionalização; 3) estabelecimento de metas; 4) autorrealização; 5) individualismo; 6) ética de trabalho; e 7) controle do tempo. Sendo o trabalho um meio de salvação no mundo secularizado e o sucesso material um representante da condição de “eleito” no plano divino, o esporte moderno, sob a égide da ética protestante, alçou os Estados Unidos da América, nação majoritariamente protestante, a representante máximo da excelência esportiva em termos de inserção na cultura.

Esses são apenas alguns exemplos de como o trabalho de Weber, a partir de uma leitura de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, não apenas inspirou, como também permitiu expandir o estudo sobre o esporte no cenário do protestantismo vinculado ao capitalismo.

No presente artigo, em um rumo diferente, analisamos o esporte sob a ótica de Weber em “Economia e Sociedade”. Nessa obra, é possível verificar de maneira mais proeminente o método dos modelos típico-ideais de Weber. Em síntese, em “Economia e Sociedade” Weber destinou seu raciocínio para diferentes assuntos aparentemente distintos, tais como dominação, tipos de ação social, religião, leis, carisma, entre tantos outros, que acabavam por convergir em uma análise sociológica que comparava, de maneira empírica, as regularidades sociais ao longo de um profundo diálogo com a História, para compreender elementos de classe, poder e *status* social.

Essa obra de Weber apresenta de maneira indireta o esporte em diversos momentos do texto, alinhado metodologicamente com os tipos ideais defendidos pelo autor. Já no primeiro capítulo, em que são situados os termos sociológicos básicos que orientam seu trabalho, Weber apresenta as noções de conflito e competição, distinguindo-as pelo grau de emprego de violência física atribuído de maneira efetiva:

Uma relação social será referida como um “conflito” quando as ações de um sujeito se orientarem, de maneira intencional, a impor sua própria vontade, agindo contra a resistência de uma pessoa ou grupo. Por sua vez, conflito “pacífico” será o termo aplicado aos casos em que a violência física não foi empregada. Um conflito pacífico será uma “competição” na medida em que se tratar de uma tentativa formalmente pacífica de obter controle das vantagens e oportunidades desejadas pelos outros. Um processo competitivo será uma competição “regulamentada” de acordo com os graus em que meios e fins sejam orientados para uma ordem (WEBER, 1978, p.38 – tradução livre)².

Ao afirmar a diferenciação entre os tipos de conflito, Weber destaca os confrontos pacíficos, os quais permitem enquadrar uma aproximação com o esporte:

Existe uma variedade de formas, em transição contínua, que vão desde os conflitos sangrentos que, deixando de lado todas as regras, visam a destruição do adversário, até o caso das batalhas medievais de cavalaria, estritamente convencionadas, e os esportes, rigidamente regulados pelas regras do jogo (...) a separação conceitual entre os conflitos pacíficos e violentos justifica-se pela natureza de seus meios normais e suas consequências sociológicas peculiares de ocorrência (WEBER, 1978, p.39 – tradução livre)³.

É marcante perceber como Weber já adianta, ainda que de maneira pouco aprofundada, uma noção do esporte que seria profundamente esmiuçada na “Teoria do Esporte” de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), os quais defendem um processo histórico e sociológico de pacificação dos costumes e controle da violência dentro das práticas esportivas.

2 *A social relationship will be referred to as "conflict" insofar as action is oriented intentionally to carrying out the actor's own will against the resistance of the other party or parties. The term "peaceful" conflict will be applied to cases in which actual physical violence is not employed. A peaceful conflict is "competition" insofar as it consists in a formally peaceful attempt to attain control over opportunities and advantages which are also desired by others. A competitive process is "regulated" competition to the extent that its ends and means are oriented to an order.*

3 *There are all manner of continuous transitions ranging from the bloody type of conflict which, setting aside all rules, aims at the destruction of the adversary, to the case of the battles of medieval chivalry, bound as they were to the strictest conventions, and to the strict regulations imposed on sport by the rule of the game (...) The conceptual separation of peaceful [from violent] conflict is justified by the quality of the means normal to it and the peculiar sociological consequences of its occurrence.*

Para Elias e Dunning (1992), um processo sociológico de longa duração provocado pelo aumento das redes de interdependência social entre indivíduos teria, gradualmente, aumentado o controle da violência e das emoções na sociedade. Nesse sentido, o esporte “civilizou-se” com o passar dos anos, de forma a manter um grau de violência e liberação de emoções de maneira aceitável, isto é, o tido “descontrole controlado”.

Não ao acaso, as relações entre Weber e Elias no campo da sociologia podem ser investigadas de maneira mais subjetiva. Por exemplo, sabe-se que Elias era ávido leitor de Max Weber, frequentador do grupo de estudos da viúva Marianne Weber, bem como foi posteriormente orientado na pós-graduação por Alfred Weber, sobrinho que herdou intelectualmente a sociologia weberiana de seu tio (ELIAS, 2001). Nesse sentido, nos parecem fortes indícios de uma constelação de pensamentos comuns ao meio weberiano que permearam a sociologia eliasiana do esporte. O esporte pensado por Weber em tipos ideais distingue o grau de violência envolvido entre os diferentes contextos, tal como observado por Norbert Elias.

Nota-se que o tipo ideal destacado por Weber em “Economia e Sociedade” não é um conceito fechado: as formas apresentadas pelo autor indicam suas transições contínuas em tempo e espaço. Por exemplo, ao mostrar o *ethos* do feudalismo medieval, Weber nota a presença dos jogos como elementos de caracterização da cultura guerreira, em que se assume uma dupla função para tais atividades. A primeira é a de que servem ao propósito de treinamento militar para as guerras:

(...) um elemento encontra um lugar permanente no treinamento e na conduta geral que, como forma de desenvolver qualidades úteis para a vida, pertence ao agrupamento de energia original comum aos seres humanos e animais, mas que é cada vez mais eliminado por toda racionalização da vida – o jogo. Sob condições feudais, é tão pouco “passatempo” quanto na vida orgânica, mas é a forma natural em que as capacidades psicofísicas do organismo são mantidas vivas e flexíveis; o jogo é uma forma de “treinamento” que, em sua instintividade animal espontânea e ininterrupta, ainda transcende qualquer divisão entre o “espiritual” e o “material”, “corpo” e “alma”, não importando o quanto esteja convencionalmente sublimado (WEBER, 1978, p.1105 – tradução livre)⁴.

4 (...) *one element finds a permanent place in training and general conduct which, as a form of developing qualities useful for life, belongs to the original energy household of men and animals, but is increasingly eliminated by every rationalization of life - the game. Under feudal conditions it is just as little a "pastime" as in organic life, rather it is the natural form in which the psycho-physical capacities of the organism are kept alive and supple; the game is a form of "training," which in its spontaneous and unbroken animal instinctiveness as yet transcends any split between the "spiritual" and the "material," "body" and "soul", no matter how conventionally it is sublimated.*

Por outro lado, Weber indica que os jogos medievais praticados pela aristocracia mostram ao povo um sinal não-declarado de dominação, pelo fato dos nobres cavaleiros ocuparem-se de atividades não-rationais, próprias da natureza do jogo, as quais assumem aspecto de diferenciação e *status*:

(...) inevitavelmente o jogo também ocupa uma posição mais séria e importante na vida desses estratos cavaleirescos; constitui um contraponto a toda ação economicamente racional. No entanto, esse parentesco com um estilo de vida artístico, resultante desse aspecto do jogo, também foi mantido diretamente pelo *ethos* “aristocrático” do estrato feudal dominante. A necessidade de “ostentação”, glamour e esplendor imponentes, para preencher a vida com utensílios que não são justificados por utilidade mas, no sentido de Oscar Wilde, são inúteis no significado de “beleza”, é principalmente uma necessidade de *status* feudal e um importante instrumento de poder para manter o domínio de alguém através de sugestões em massa. “Luxo”, no sentido de rejeitar o controle racional e intencional do consumo, não é supérfluo para os estratos feudais dominantes: é um meio de autoafirmação social (WEBER, 1978, p.1106 – tradução livre)⁵.

Weber já havia verificado, em sua sociologia da dominação e poder, elementos que posteriormente o sociólogo francês Pierre Bourdieu aprofundaria em seus escritos de sociologia do esporte: os jogos e práticas esportivas estão inseridos em um processo de estruturação de um *habitus* de classes sociais. Em síntese, ao observar o esporte como produto a ser consumido, Bourdieu percebeu que os agentes sociais perpetuam esquemas de comportamentos e atitudes que se relacionam a conflitos entre as classes sociais, instaurando uma violência simbólica através da afirmação de um caráter de distinção dentro de um determinado campo social (BOURDIEU, 1990). A posição de um agente dentro desse campo, seja como dominante ou como dominado, dependerá da fidelidade aos comportamentos introjetados de maneira semi-inconsciente, às quais Bourdieu denominou de *habitus*, estando intimamente aliados à busca de capitais que determinarão a posição do indivíduo no campo. Tais capitais poderão ser de diferentes ordens, tal como o econômico, cultural, social, político, simbólico, entre outros.

5 (...) inevitably the game also occupies a most serious and important position in the life of these knightly strata; it constitutes a counter pole to all economically rational action. However, this kinship with an artistic style of life, which resulted from this aspect of the game, was maintained also directly by the “aristocratic” ethos of the dominant feudal stratum. The need for “ostentation” glamour and imposing splendor, for surrounding one's life with utensils which are not justified by utility but, in Oscar Wilde's sense, useless in the meaning of “beautiful” is primarily a feudal status need and an important power instrument for the sake of maintaining one's own dominance through mass suggestion. “Luxury” in the sense of rejecting purposive rational control of consumption is for the dominant feudal strata nothing superfluous: it is a means of social self-assertion.

Ao traçarmos um paralelo entre o *habitus* bourdieusiano, vinculado às práticas esportivas, com as formas de dominação elencadas por Weber, é difícil não perceber as semelhanças de análise do jogo medieval no qual Weber se deteve: tratava-se de uma prática desvinculada de uma racionalidade utilitária e pragmática e, justamente por isso, reafirmava a dominação da elite sobre os camponeses, os quais não podiam se ocupar das mesmas atividades. Assim, a distinção entre aristocratas e plebeus consolidava-se em um gosto por determinadas práticas esportivas de distinção.

Weber prossegue indicando como jogos e esportes assumem, típico-idealmente, funções diferentes, dependendo do contexto observado. Enquanto a nobreza medieval adotava tais atividades com um propósito não-utilitarista e de caráter distintivo para dominação social, o mesmo não era possível de se perceber na cultura helênica da Antiguidade. Para os gregos, a educação do corpo, a qual era permeada de treinamentos de combate como lutas, manejo de espadas e arquearia, bem como a condução de carruagens e a equitação, atendiam objetivos não só de preparação para as guerras, mas também se enquadravam no contexto de celebrações festivas. Configurava-se assim o esquema de aceitação social das atividades esportivas no contexto grego:

Diferenças típico-ideais também aparecem no estilo de vida. Na Grécia, como vimos, o nobre, no período da guerra de carruagens, começou a se exercitar nos ringues. O *agon* (confronto), um produto do combate individual dos guerreiros e da glorificação dos atos de heroísmo dos cavaleiros, foi a fonte dos elementos mais importantes da educação helênica. A Idade Média tinha seus torneios, mas apesar das semelhanças – já que em ambos as carruagens e cavalos ocupavam o primeiro plano – permanece uma diferença muito significativa: na Grécia, certas festividades oficiais sempre eram celebradas apenas sob o formato de *agon*. O avanço das técnicas militares hoplitas causou a expansão do conteúdo do *agon*: agora todas as atividades que eram realizadas no ginásio – combates com lança, luta livre, pugilismo e, acima de todas as outras, as corridas a pé – assumiram essa forma e, portanto, tornaram-se socialmente aceitáveis (WEBER, 1978, p.1367 – tradução livre)⁶.

De fato, Weber demonstra nessa passagem que o caráter do *agon* na Grécia tinha um propósito utilitarista mais demarcado que nas práticas medievais. Além disso, Weber

⁶ *Typical differences appear also in the style of life. In Hellas, as we saw, the nobleman began in the time of chariot warfare to exercise in the ring. The agon (contest), a product of the individual knightly combat and the glorification of knightly heroism, was the source of the most important traits of Hellenic education. The Middle Ages had their tournaments, but in spite of similarities - such as that in both cases chariots and horses occupy the foreground - the very significant difference remains that in Hellas certain official festivities were always celebrated only in this form as agones. The advance of hoplite military techniques merely caused the content of the agon to expand: now all disciplines which were drilled in the gymnasium - spear combat, wrestling, fist-fighting, and above all foot racing - assumed this form and were thereby made socially acceptable.*

destaca que essas atividades corporais representavam a formação educacional considerada necessária para uma “cidadania” plena:

(...) O “homem culto”, e não o “especialista”, foi o fim buscado pela educação e base da estima social nas estruturas feudais, teocráticas e patrimoniais de dominação, na administração inglesa por notáveis, na antiga Burocracia patrimonial chinesa, bem como sob o domínio dos demagogos nos estados gregos durante a chamada democracia. O termo “homem culto” é usado aqui em um sentido completamente neutro em valor; entende-se que significa apenas que uma conduta de qualidade de vida considerada “cultivada” era o objetivo da educação, e não um treinamento especializado em alguns conhecimentos. Essa educação pode ter sido direcionada para um tipo cavaleiro ou ascético, para um tipo literário (como na China) ou para um tipo ginasta humanista (como na Grécia), ou ainda para um típico “cavalheiro” convencional anglo-saxão. Uma personalidade “cultua”, nesse sentido, formou o ideal educacional estampado pela estrutura de dominação e pelas condições de participação no estrato dominante da sociedade em questão. A qualificação desse estrato dominante repousava sobre a posse de uma vantagem de tal qualidade cultural (no sentido bastante variável e neutro em termos de valor ao termo usado aqui), e não sobre uma “vantagem” de conhecimento especializado. A experiência militar, teológica e jurídica foi, é claro, intensamente cultivada ao mesmo tempo. Mas o ponto de maior relevância no currículo educacional helênico, medieval e chinês foi formado por elementos inteiramente diferentes daqueles que eram “úteis” em um sentido técnico (WEBER, 1978, p. 1001 – tradução livre)⁷.

Por sua vez, quando se avança o olhar sociológico das práticas esportivas para a Roma Antiga, Weber observa que os povos itálicos não apresentavam um *ethos* em que os esportes fossem praticados pela classe política. Os romanos adotavam um sistema de “atletas” pagos para competir nos estádios, de forma que a nobreza apreciava os eventos esportivos no papel de espectadores. Weber, ao referir-se novamente à natureza do “agon”, expõe a diferença entre gregos e romanos na condução de tal prática (WEBER, 1978, p.1368 – tradução livre):

7 (...) the “cultivated man”, rather than the “specialist”, was the end sought by education and the basis of social esteem in the feudal, theocratic, and patrimonial structures of domination, in the English administration by notables, in the old Chinese patrimonial bureaucracy, as well as under the rule of demagogues in the Greek states during the so-called Democracy. The term “cultivated man” is used here in a completely value-neutral sense; it is understood to mean solely that a quality of life conduct which was held to be “cultivated” was the goal of education, rather than a specialized training in some expertise. Such education may have been aimed at a knightly or at an ascetic type, at a literary type (as in China) or at a gymnastic-humanist type (as in Hellas), or at a conventional “gentleman” type of the Anglo-Saxon variety. A personality “cultivated” in this sense formed the educational ideal stamped by the structure of domination and the conditions of membership in the ruling stratum of the society in question. The qualification of this ruling stratum rested upon the possession of a “plus” of such cultural quality (in the quite variable and value-neutral sense of the term as used here), rather than upon a “plus” of expert knowledge. Military, theological and legal expertise was, of course, intensely cultivated at the same time. But the point of gravity in the Hellenic, in the medieval, as well as in the Chinese educational curriculum was formed by elements entirely different from those which were “useful” in a technical sense.

Os povos itálicos nunca conheceram essa instituição, pelo menos não na forma que ela assumira no período clássico da Grécia. Na Etrúria, a nobreza da cidade (...) dominava os plebeus desprezados e pagava aos atletas que se apresentassem em seus festivais. Também em Roma, a nobreza dominante rejeitou as “misturas com as massas”: seus sentimentos de prestígio nunca sofreram da absoluta falta de distância e solenidade, as quais eram comuns nas sessões de ginástica nuas dos gregos⁸.

Esses são apenas alguns trechos que ajudam a mostrar como Weber relacionava o estudo das práticas esportivas com a compreensão maior das sociedades em análise. Ainda assim, o que mais chama atenção ao longo de “Economia e Sociedade” é a forma como o esporte é retratado na pesquisa, isto é, sempre em conformidade com a categoria sociológica do tipo ideal. No estudo do esporte moderno, ainda não se superou o uso dessa categoria tal como foi empregada por Allen Guttmann, historiador do esporte e escritor do clássico “*From ritual to record: the nature of modern sport*” (2004), uma obra indispensável para entender como o fenômeno esportivo se apresenta na modernidade.

3 O ESPORTE PENSADO EM MODELOS TÍPICO-IDEAIS – A PRESENÇA DE WEBER NA OBRA DE ALLEN GUTTMANN

Escritor de diversos livros que abrangem o universo esportivo pensado de maneira científica, tal como “*Sports: The First Five Millennia*” (2004), “*Sports Spectators*” (1986), “*The Olympics – a history of the modern games*” (1992) e “*Women’s sports: a history*”, Allen Guttmann é responsável pela popularização do uso do tipo ideal weberiano aplicado ao esporte moderno. Herdeiro intelectual de Weber no campo da Sociologia do Esporte, Guttmann embasa sua linha argumentativa apropriando-se da categoria sociológica weberiana do tipo ideal, de forma a situar o esporte moderno a partir de um período em que elementos de racionalização estariam prementes, isto é, a segunda metade do século XVIII e, de maneira mais localizada, nos cenários da Europa e Estados Unidos da América. Guttmann afirma que o esporte na modernidade é radicalmente diferente das práticas esportivas da Antiguidade Greco-romana e Idade Média, bem como do contexto asiático. Para demonstrar sua tese, Guttmann (2004) elenca sete características do esporte

⁸ *The Italic peoples never knew this institution, at least not in the form which it had taken in the classic period of Hellas. In Etruria, the city nobility (...) ruled over despised plebeians and had paid athletes perform at its festivals. In Rome, too, the ruling nobility rejected such "mingling-with-the-masses": its prestige feelings would never have suffered the utter lack of distance and solemnity involved in the naked gymnastics sessions of those Graeculi.*



moderno que permitem a formação de um tipo ideal para comparação com outras temporalidades. São elas:

1) Secularização: em comparação com práticas esportivas da Grécia e Roma Antiga, ou até mesmo duelos e justas do período medieval, observa-se na modernidade um afastamento de qualquer relação com aspectos religiosos, ocultistas e supersticiosos. A melhor forma de verificar isso seria evidenciando o formato dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, em que a adoração às divindades gregas se confundiria com as atividades da competição; já nos Jogos Olímpicos da Modernidade, competição recriada pelo francês Barão Pierre de Coubertin em 1896, os elementos religiosos foram desvinculados ou ressignificados em novas simbologias de caráter laico, tornando-se proibidas as manifestações religiosas em competições olímpicas, algo que destoa completamente da concepção típico-ideal de esporte da Grécia Antiga;

2) Igualdade competitiva: é próprio da modernidade as competições por categorias de peso, idade, sexo, nível, entre outras possíveis separações. Quando analisa os sangrentos confrontos no Coliseu durante o Império Romano, Guttmann apresenta fontes da época que relatam embates entre seres humanos contra feras selvagens, adversários armados contra outros desarmados, adultos contra crianças, mulheres contra homens, bem como a questão da inferioridade numérica de um grupo em relação a outro, em certos confrontos. Tal desigualdade é praticamente inaceitável nos valores da modernidade. Ainda assim, vale destacar que algumas modalidades tiveram uma relativa demora para atender o critério da igualdade, como foi o caso do UFC – *Ultimate Fighting Championship*, em que as lutas, nas primeiras edições do evento, não apresentavam critérios claros de igualdade: atletas de diferentes tamanhos se confrontavam, sem uma duração de rounds (CARMO, 2016). Ainda assim, Guttmann acredita que um processo de igualdade competitiva permeia o tipo ideal de esporte moderno;

3) Especialização: em uma busca por melhores resultados, bem como através do processo de profissionalização de atletas, treinadores e clubes, torna-se necessário uma eficiência obtida de maneira racionalizada de acordo com as capacidades dos competidores. Dessa forma, não é interessante para uma equipe que um atleta, tendo recursos limitados (tal como o tempo de treinamento) ocupar-se em atuar tanto como goleiro quanto como um atacante no futebol; é necessário que esse atleta, dentro de parâmetros racionalmente estipulados, se prepare e atue exclusivamente no papel que melhor lhe compete. Tal como um operário de uma fábrica cumpre suas funções de maneira

especializada e atendendo objetivos específicos dentro da linha de produção, o atleta também teria atribuição similar no esporte moderno. Já nas versões antigas do esporte, era mais comum encontrar competidores que atuavam em diferentes provas, de maneira amadora. Com a lógica moderna do capitalismo, em que imperam valores de mercantilização e espetacularização das práticas esportivas (MARCHI JÚNIOR, 2004), exige-se uma eficácia em nível de excelência por parte dos atletas, de forma que uma racionalização cartesiana dos processos relativos ao treinamento e competição estejam maximizados (OVERMAN, 2011);

4) Quantificação: no anseio de comparar, igualar e preparar estratégias, a inserção dos números nas práticas esportivas é inevitável. Tornou-se essencial cronometrar a duração de fases de partidas, placares, desempenhos individuais e coletivos, bem como mensurar distâncias atingidas em intervalos de tempo determinados, pesos levantados e arremessados, entre outras valências mensuráveis. Em sintonia com o sentido de igualdade de chances em competição, quantificar é necessário para criar o sistema de divisão por categorias. Todas essas características são ausentes em qualquer período anterior à modernidade: as proezas esportivas eram, quando registradas, ausentes de uma preocupação quantitativa que permitisse uma comparação entre atletas de diferentes períodos, tendo em vista a ausência de padronizações;

5) Burocratização: de acordo com Guttmann (2004), o esporte moderno costuma ser praticado sob a égide de organizações locais, nacionais e internacionais de maneira burocrática, sob administrações de natureza racional-legal, no sentido empregado por Weber. Para o autor, as sociedades do passado pré-moderno configuravam o esporte por vias políticas (tal como o famoso “pão e circo” da Roma Antiga) e/ou religiosas (as competições gregas de culto divino, tal como os Jogos Ístmicos, Olímpicos, etc);

6) Racionalização: trata-se do elemento que vincula todas as características anteriormente citadas. De maneira típico-ideal, pode-se dizer que o processo de racionalização da ação social envolve uma demanda crescente por cálculo, padronização, controle e mensuração (OVERMAN, 2011). No esporte, a criação de calendários de competição, institucionalização de entidades esportivas reguladoras, profissionalização de atletas, formação de professores de Educação Física e cursos para treinadores são apenas alguns dos elementos a se destacar no universo do esporte moderno que se vinculam à racionalização do esporte. No campo científico, a criação de áreas de estudo como Biomecânica, Nutrição, Psicologia e Fisiologia do Esporte demonstram a importância que a racionalização do esporte tem alcançado nas últimas décadas. Apesar de Guttmann

indicar que existiam alguns elementos isolados de racionalização do esporte em períodos antigos, é preciso frisar que apenas na modernidade tal elemento atingiu esse alcance. Essa racionalização configura-se como uma “jaula de ferro” no sentido apresentado ao fim de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2004), pois tornou-se praticamente um imperativo do esporte moderno racionalizar práticas esportivas dentro de critérios de burocratização, quantificação, especialização e cientificidade. Nesse sentido, as categorias citadas seriam as “barras de ferro” da jaula que envolve o esporte moderno;

7) Busca por recordes: o elemento mais significativo para Guttmann, pois a busca de resultados em um nível de excelência representaria a aliança bem-sucedida de tecnologia, treinamento e autorrealização, atendendo a uma racionalização do impulso romântico da modernidade de extrapolar os limites do possível (GUTTMANN, 2004; 2007; MULLAN, 1995).

Essas categorias típico-ideais, baseadas no conjunto de escritos de Weber, permitiram a Guttmann comparar, de maneira empírica, os fatores de singularidade do esporte moderno. Não obstante, há de se constatar que o esporte não tem sido pensado de maneira estática desde que entrou na modernidade. Estudos como os de Coakley e Pike (2001) e Marchi Júnior (2004; 2016) demonstram a necessidade de se refletir sobre aspectos contemporâneos do fenômeno esportivo, isto é, suas modificações mais recentes e que ainda estão em desenvolvimento. Nesse sentido, pode-se pensar quais elementos têm sido incorporados no esporte contemporâneo, e que o configuram como tal, distinguindo-o do início da modernidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse artigo, tivemos a intenção de mostrar algumas possíveis aplicações da sociologia weberiana. Weber foi um escritor prolífico e, portanto, as possibilidades interpretativas de seus textos são vastas. Ao analisarmos a obra “Economia e Sociedade”, procuramos apresentar um sociólogo que dedicou comentários breves e “cirúrgicos” ao esporte, associando-o a características culturais específicas de cada contexto apresentado. É necessário lembrar que se tratava de um período extremamente estéril para falar do esporte, tal como já observado por Souza e Marchi Júnior (2010). Já existiam alguns autores discutindo aspectos relativos ao esporte, porém de maneira isolada, sem debate e amparando-se em temas sociológicos considerados mais relevantes, como o trabalho ou a alienação. Weber não se distancia desse quadro, tendo em vista que discute o esporte, em



diferentes contextos, para ressaltar elementos culturais que embasam sua análise central em “Economia e Sociedade”: compreender as diferentes formas econômicas, a dominação, a religião e o direito, por exemplo.

Acreditamos que o presente artigo mostrou, ainda que de maneira pontual, a forma como Weber aplicava sua Sociologia Compreensiva, por meio dos tipos ideais e da pesquisa histórica, para entender objetos diversos, tal como o esporte, a competição, os jogos medievais, bem como o *status* das práticas corporais nas diferentes sociedades. Vale lembrar que os estudiosos da Sociologia do Esporte, em sua maioria, destacavam o comentário de Weber ao esporte praticado pelos puritanos em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, como pode ser visto nos trabalhos de Coakley e Dunning (2000), Giulianotti (2004) e Souza e Marchi Júnior (2010). Nesse sentido, nosso estudo possibilitou avançar a discussão da produção weberiana voltada ao esporte, na medida em que fizemos uso das contribuições do sociólogo no livro “Economia e Sociedade”.

Podemos destacar também a categoria sociológica do tipo ideal para entender o esporte. Por meio dela, Weber demonstrou como compreender os sentidos das ações sociais referentes às práticas esportivas, em temporalidades muito diversas, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Sem as formulações típico-ideais do esporte apresentadas por Weber, e desdobradas por Guttmann, as possibilidades de entender esse objeto de estudo poderiam apresentar-se limitadas no cenário sociológico atual. Nesse sentido, o pioneirismo de Weber em discutir aspectos do fenômeno esportivo, dentre os clássicos da Sociologia, demonstrou-se relevante para nas décadas seguintes ter contribuído para o estabelecimento de um campo de pesquisa em Sociologia do Esporte.

REFERÊNCIAS

AMSTEL, Narayana. **O controle de divertimentos e a formação do ethos esportivo nos Estados Unidos da América ao longo do século XVIII**: um olhar sobre a influência da ética protestante. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 2019.

AMSTEL, Narayana; MARCHI JÚNIOR, Wanderley; SONODA-NUNES, Ricardo; SILVA, Marcelo. Divertimentos e a busca pelo controle: moderação protestante nas colônias norte-americanas (1633-1682). **Fair Play, Revista de Filosofia, Ética y Derecho del Deporte**, n. 15, 2019.



BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

CARMO, Gonçalo. **Its show time**: violência e emoções no *mixed martial arts* (MMA 1995–2016). Tese de doutorado – Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2016.

COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2000.

COAKLEY, Jay; PIKE, Elizabeth. **Sports in society**. Boston: McGraw-Hill, 2001.

DART, Jon. Sports review: A content analysis of the International Review for the Sociology of Sport, the Journal of Sport and Social Issues and the Sociology of Sport Journal across 25 years. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 49, n. 6, p. 645-668, 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, Ana Letícia Padeski; SVIESK, Tatiana. O estado da arte da sociologia do esporte no Brasil: um mapeamento da produção bibliográfica de 1997 a 2007. In: Anais Do XXVII Congresso De La Asociación Latino Americana De Sociología. **VIII Jornadas de Sociología de La Universidad de Buenos Aires**. Buenos Aires: Asociación Latino Americana de Sociología. 2009.

FERREIRA, Ana Leticia Padeski. **O campo acadêmico-científico da sociologia do esporte no Brasil (1980-2010)**: entre a institucionalização, os agentes e sua produção. Tese de doutorado – Universidade Federal do Paraná. 2014.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport and modern social theorists**. New York: Springer, 2004.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**: The nature of modern sports. Columbia: University Press, 2004.

GUTTMANN, Allen. Targeting Modernity: Archery and the Modernization of Japan. In: KELLY, William W.; SUGIMOTO, Atsuo. **This sporting life**: Sports and body culture in modern Japan. Council on East Asian Studies at Yale University, 2007.

INGHAM, Alan. The sportification process: A biographical analysis framed by the work of Marx, Weber, Durkheim and Freud. In: **Sport and modern social theorists**. Palgrave Macmillan, London, 2004. p. 11-32.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Diagnóstico da Sociologia do Esporte: para a consolidação de um campo do conhecimento. **XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Assessing the sociology of sport: On Brazil and Latin American perspectives. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4-5, p. 530-535, 2015.



MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The journal of the Latin American socio-cultural studies of sport (ALESDE)**, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2016.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso; GODOY, Letícia. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, 2009.

MULLAN, Michael. Sport as institutionalized charisma. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 19, n. 3, p. 285-306, 1995.

OVERMAN, Steven. **The protestant ethic and the spirit of sport**: How calvinism and capitalism shaped America's games. Macon: Mercer University Press, 2011.

PILATTI, Luiz Alberto. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas. 2000.

SCAFF, Lawrence. **Weber and the Weberians**. New York: Macmillan International Higher Education, 2014.

SOUZA, Juliano; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010.

TIAN, Enqing; WISE, Nicholas. An Atlantic divide? Mapping the knowledge domain of European and North American-based sociology of sport, 2008–2018. **International Review for the Sociology of Sport**, p. 1012690219878370, 2019.

WEBER, Max. **Economy and society**: An outline of interpretive sociology. Los Angeles: University of California Press, 1978.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

Possíveis contribuições de Max Weber para uma sociologia do esporte

Narayana Astra van **AMSTEL**

Aluno de Doutorado em Sociologia

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Sociologia, Curitiba, Brasil

narayana.astra@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8707-2423>

Wanderley **MARCHI JÚNIOR**

Professor Titular



Universidade Federal do Paraná, Departamento de Sociologia, Curitiba, Brasil
wmarchijr@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4911-9702>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à [Em Tese](#) os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que [terceiros](#) remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os [autores](#) têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO –

Recebido em: 29 de maio de 2020.

Aprovado em: 14 de janeiro de 2021.

